

NO INVERNO (*Cliché Felix*)

N.º 358 Lisboa, 30 de Dezembro de 1912

ASSINATURA PARA PORTUGAL, COLONIAS
PORTUGUEZAS E HESPAÑA:

Ano, 4\$800 — Semestre, 2\$400 — Trimestre, 1\$300

Ilustração
PORTUGUEZA

Edição semanal do Jornal O SECULO

Director e Proprietario: J. J. DA SILVA GRAÇA
Editor: JOSE JOUBERT CHAVES

Redação, Administração e Oficinas de Compo-
sição e Impressão: RUA DO SECULO, 43

Elle desafia a furia dos elementos



As roupas **INTERIORES HYGIENICAS**
em lã e Uata de Turba

do **Doutor RASUREL**
preservam dos **RESFRIAMENTOS**
e do **RHEUMATISMO**

Casa PITTA, 195 Augusta 197, LISBOA.

QUEM SERÁ
O NOVO
PRESIDENTE
DA
REPÚBLICA-FRANCEZA



1—Antonin Dubost
(Cliché Manuel)



2—Leon Bourgeois
que desistiu da sua
candidatura
(Cliché Manuel)



3—O Presidente Fallières.—(Cliché Firon)

Em 17 de janeiro próximo futuro, os senadores e deputados francezes, constituídos em Assembléa Nacional, reunir-se-hão em Versailles para proceder á eleição do sucessor de mr. Fallières. E' difficil vaticinar o resultado d'essa eleição. Nunca os nomes apontados foram tantos; nunca, ao que parece, foi mais difficil a escolha. Porque é mesmo o criterio d'essa escolha que se discute. Uma revista perguntou já a alguns homens eminentes: *o que deve ser o futuro presidente da republica franceza.* E as respostas, mais ou menos evasivas, mais ou menos paradoxaes, mais ou menos vagas, deixaram, como em quasi todos os inqueritos acontece, a questão inicial no mesmo pé.

Ha muitos ainda que presistem fieis ao criterio que conduziu ao Eliseu mr. Fallières, como já antes lá tinha levado mr. Loubet. Escolhendo um presidente da republica, a alta Assembléa deve, segundo esse criterio, premiar uma vida politica assaz longa, escrupulosamente honrada e tão anodina quanto possivel. Assim se terá assegurado um respeito geral pelo representante supre-

mo da França e uma nula influencia d'eie na orientação da politica do seu país. Essa respeitabilidade eminentemente decorativa e de ne-

nhum modo comprometedora ou incomoda ha quem pense encontrá nas pessoas de mr. Antonin Dubost, que preside ao Senado desde 1906 e nunca deu que falar de si, e de mr. Pams, atual detentor da pasta da agricultura. Mr. Pams tem, ao que se afirma, grandes simpatias na Câmara e no Senado. Mas tem o contra d'um nome pouco eufónico e, o que é mais serio... pouco francez. No atual periodo de revivencia patriótica

esse contra tem um certo valor.

E ha então quem lembre um general. O francez precisa sempre de ter um idolo heroe. Mas será prudente para a republica dar a um idolo d'esses o acesso do Eliseu? Os homens do regimen tem um indizível pavor de tudo quanto, mesmo de longe, possa dar a impressão d'uma possibilidade imperialista. Um povo que tem o culto de Napoleão aceso sempre não deve ver no palacio da sua presidencia cabeças onde o bicorne lendario e celebrado não deva fazer rir. E por isso eu



creio que senadores e deputados deixarão d'esta feita entregar a ardua tarefa da organização do protetorado marro-

Jules Pams,
(Cliché As de Trefle).

quino — o general Lyautey. Outros pretendem que o novo presidente deve ser um politico de prestigio, capaz de exercer uma ação pessoal no governo da nação, representando-a com brilho, orientando-a com segurança. Estão n'essas condições, sem a menor



Alexandre Ribot. (Cliché As de Trefle).



Emile Combes. (Cliché Manuel).

duvida, as candidaturas Delcassé, Bourgeois e Poincaré. Mas mr. Delcassé é politico demais para conciliar a admiração ou mesmo o respeito de uma grande maioria. E' um homem de combate. O seu lugar é mais na vanguarda que no Quartel-general. Mr. Bourgeois costuma estar doente quando se trata de escolher o chefe do Estado ou o chefe do governo. D'esta vez, porem, ao indicar-se o seu nome, declarou francamente que não aceitava a candidatura. Quanto a mr. Poincaré, deve dizer-se que ninguem melhor que ele poderá reunir n'este momento em torno do seu nome um maior numero de sufragios. O seu valor é grande, a sua obra notavel. Sua ex.^a levantou o prestigio da França aos olhos dos francezes e dos estrangeiros. A politica interna do seu ministerio tem sido



habil e segura, a sua politica exterior das mais notaveis. Está ali um grande homem de Estado... que, ao que se diz, não acha ainda chegado o momento de se aposentar — mesmo no Eliseu. Quem ainda? O veneravel, tal-



1—Jean Dupuy. (Cliché As de Trefle).
2—Paulo Deschanel.
3—General Lyautey. (Cliché Manuel).
4—Paul Doumer. (Cliché As de Trefle)

vez mesmo um pouco já veneravel de mais, mr. Alexandre Ribot? O joven e audacioso mr. Caillaux, ferido infelizmente na queda do seu recente ministerio e com uma ferida que ainda não cicatrizou? O elegante, o fino, o espiituoso e correto mr. Deschanel? O velho candidato mr. Paul Dourmer, que mr. Fallières derrotou? O chefe radical mr. Combes? Clemenceau? Jean Dupuy? Briand?

Um jornal de Paris—o *Excelsior*—lembrou-se de fazer um concurso entre os seus lei-



1—Raymond Poincaré (Cliché As de Trefle) 2—Aristide Briand. (Cliché Manuel) 3—Joseph Caillaux (Cliché As de Trefle) 4—Theophile Delcassé. Cliché As de Trefle) 5—Georges Clemenceau (Cliché Manuel)

tores, pedindo-lhes a sua profecia sobre o resultado da proxima eleição. O concurso está anunciado em cartazes afixados nas ruas da cidade e em alguns corredores do Metropolitano. N'esses cartazes figura um grande sinal de interrogação, no qual se inserem doze medalhões com os retratos dos mais notorios candidatos. Os mais pequenos d'esses cartazes, colocados em alturas acessiveis ás mãos irreverentes, têm dado que fazer á policia. «Quem será o Presidente da Republica?»—pergunta-se lá em grandes letras. E, sem se saber como, alguns d'esses cartazes aparecem com todos os retratos substituidos pelo do principe Napoleão. N'outros afixam-se pequenos papeis com dizeres d'estes: *Demandez-le a Rothschild* ou *Mon vote pour le plus bête*. Os agentes teem o trabalho de fazer desaparecer esses pouco innocentes comentarios. Denunciam eles o estado do espirito publico? Não. A maioria dos francezes vê perfeitamente que os tempos não são dos melho-

res para se brincar com coisas serias.

Paris, dezembro.

RUI DE CHAVES.

NA ESCOLA D'ARTE DE REPRESENTAR

Homenagem a D. João da Camara



Na Escola d'Arte de Representar prestou-se uma singela mas bem tocante homenagem á memoria de D. João da Camara, o cintilante dramaturgo do *Alcacer Kibir*, o delicado autor da *Triste viuvinha*, o romancista erudito do *El-rei*.

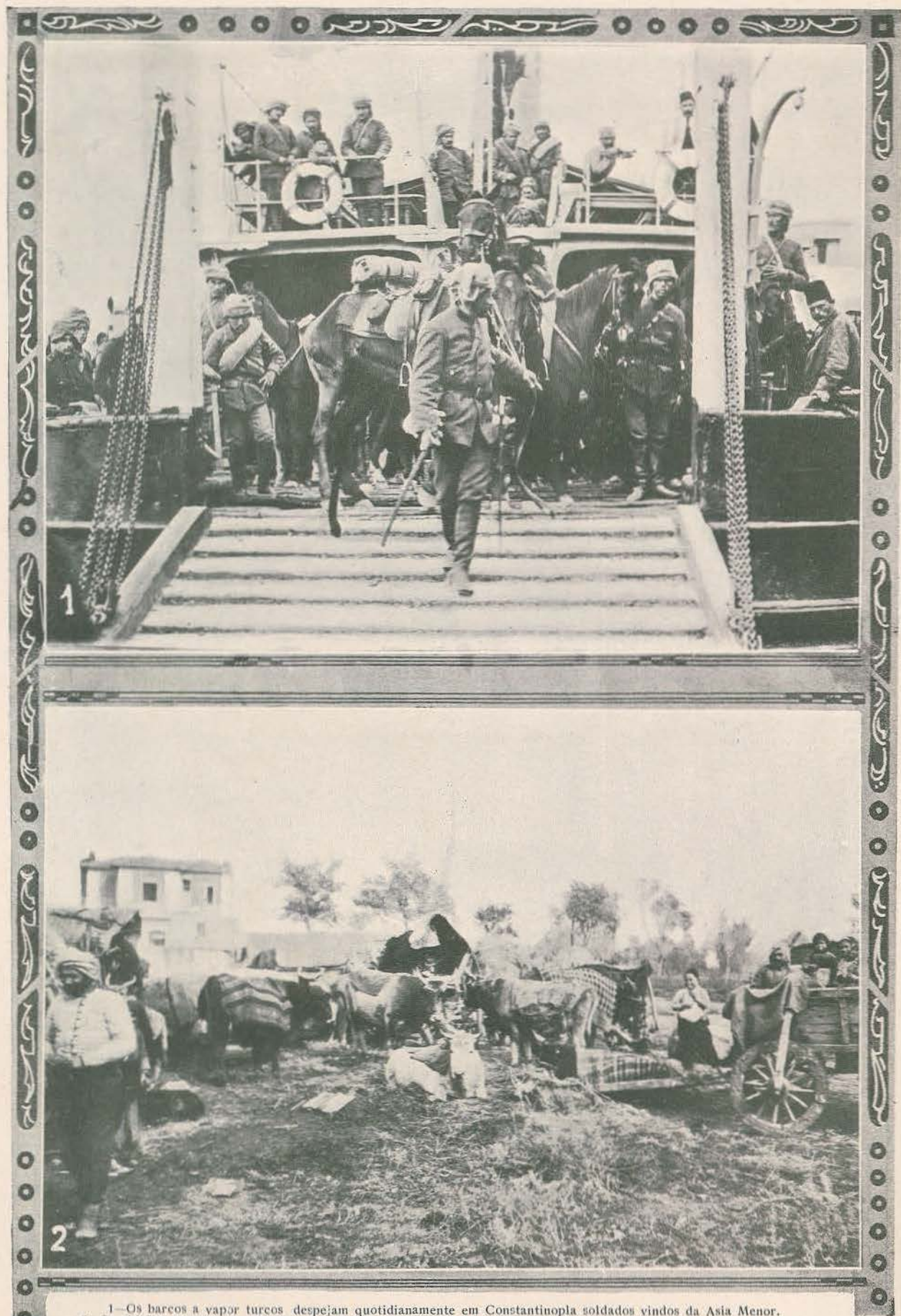
Consistiu a cerimonia na colocação do busto do illustre escritor falecido na sala de honra do edificio e d'um



sarau literario em que os alunos da escola recitaram trechos dos mais aplaudidos trabalhos do dramaturgo insigne, que deixou um lugar impreenchivel na literatura dramatica nacional com tanto brilho e talento por ele cultivada.

1—O busto de D. João da Camara, inaugurado na Escola de Arte de Representar em 22 de dezembro. 2—O aluno O'elo de Carvalho nos «Velhos». 3—A aluna Stela Leitão nos «Velhos». 4—Os alunos da Escola d'Arte de Representar, que recitaram trechos das peças de D. João da Camara, os «Velhos» e «Alcacer Kibir» (Clichés de Benofiel)

A guerra dos Balkans



1—Os barcos a vapor turcos despejam quotidianamente em Constantinopla soldados vindos da Asia Menor.
2—Os aldeãos muçulmanos abandonam as terras conquistadas e partem n'um exodo triste para onde ainda domina o Crescente — Clichés Archives du Miroir)

A Europa parece disposta a deliberar sobre a situação turca.

Ao começo, os delegados otomanos quizeram ganhar tempo, arranjando todos os pretextos, desde o reabastecimento de Andrinopla até á falta d'instruções para protelarem as negociações. Tudo indica, porém, a necessidade de liquidar a situação antes de decorrer a segunda semana de janeiro a fim de ou se continuar a guerra ou entrar-se francamente no caminho da paz.

A Albania, decididamente, ficará independente e neutra e sob a vigilância das nações, gosando os generos servios no territorio albamez o livre transitio. Aqui'o foi desde logo aceite pela Servia, a fim de não levantar mais adritos n'essa tão debatida questão, em que as grandes nações foram obrigadas a intervir.

O grande jornal imglez, «Times», declara que os embaixadores, com os seus propositos conciliadores, mere-



MAZOLI
D.R.C.



1—A ponte de Belgrado a Selim, guardada militarmente. 2—A ponte sobre o Save, que liga a capital servia ao territorio hungaro, e que atualmente é uma das causas da discordia entre a Servia e a Austria.—(Cliché Chusseau Flavien)



1



2

1—Infantaria austriaca saíndo de guarda do palacio real de Vienna
(Clichés Chusseau Flaviens)
2—O arquiduque herdeiro d'Austria e sua esposa.

cem a gratidão dos povos e que, devido á sua ação, naturalmente acabarão os preparativos militares feitos desde ha tanto tempo por toda a Europa.



3

3—A pacificação da Macedonia: As colunas volantes percorrendo os territorios conquistados pelos gregos na Macedonia.—(Cliché Archives du Miroir)

No primeiro encontro dos delegados das potencias Rechid Pachá declarou que não podia manter-se junto dos representantes gregos sem que a Grecia aderisse ao armistício, o que estes não puderam resolver.

Ao mesmo tempo o governo servio trata com o gabinete austriaco a sua



va-se a mais de cem milhões de francos e é representado por 213:000 espingardas, 40 milhões de cartuchos, 308 canhões com as respectivas munições e 50 mil uniformes novos. Os ministros das cinco grandes potencias França, Alemanha, Austria, Italia e Russia, acreditados em Londres,



1—Os delegados montenegrinos á conferencia da paz, de Londres. Da esquerda para a direita: srs. Psfordck, Lichchekovitch e o conde Jovovite.

questão d'um porto no Adriatico, apesar dos navios d'aquella nação passarem no Danubio e no Save em atitudes ameaçadoras e as patrulhas vigiarem a fronteira.

Os despojos da guerra em poder dos servios são tambem uma questão que se discute. O seu valor, ele-

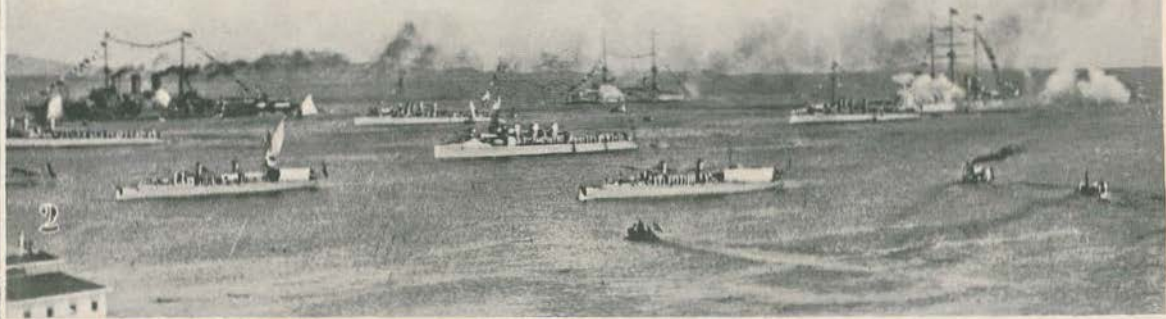


3—Os delegados turcos. Da esquerda para a direita srs: Salid Pachá, general; Rechid Pachá e Niziam Pachá. (Clichés des Archives du Miroir).

2—Os delegados servios. Da esquerda para a direita: srs: Nikolitch, tenente coronel Popovitch, Stogen, Novakovitch, Amtovitch e general Bogovitch.

juntaram-se com o ministro dos estrangeiros da Grã-Bretanha, a fim de se entenderem sobre os negocios balkanicos, enquanto os delegados dos aliados e dos turcos discutem as condições da paz.

As decisões tomadas conservar-se-hão secretas.



1—O almirante grego Constantino, que comandou a esquadra na batalha naval á entrada dos Dardanelos, onde alguns navios ficaram fora do combate, e a. n. d. também perdidos na armada otomana. 2—A esquadra grega na baía de Phalera.

Durante o armistício



1—As delicias do armistício: Os correspondentes dos jornaes repousam das fadigas da guerra enquanto os diplomatas discutem.

2—O rei da Roumania que durante o armistício foi nomeado marechal do exercito russo. (Cliché Central Photos)

3—Os bulgaros reentrando no acampamento á volta das trincheiras de Andrinopla.



(Cliché Archives du Miroir)

O PINTASILGO

Vae longe o tempo
de Mimi Pinson, a
costureirinha roman-
tica de Musset e da
sua companheira de
trabalhos,

que Lamartine fez chorar na poesia
celebre ante o pintasilgo mor-
to na gaiola da pobre mansar-
da onde ele era o seu companheiro e o seu
unico amigo, que a distraia com os seus trilos
doces, enquanto debicava o alpiste, saltitando
no poleiro. Morreu o romantismo mas ha ainda
quem chore por um d'estes passaritos que nos
habitamos a vêr com a sua cabecita esperta,
as suas pintalgadas penas, o biquito aber-
to, cantando com saudades do ninho, do
ar livre, dos campos onde o foram agar-
rar.

Ao romper d'alva, no tempo dos ca-
lores, os passarinhos la-
dinos lá vão com as gai-
olas das chamari-
zes às costas, as

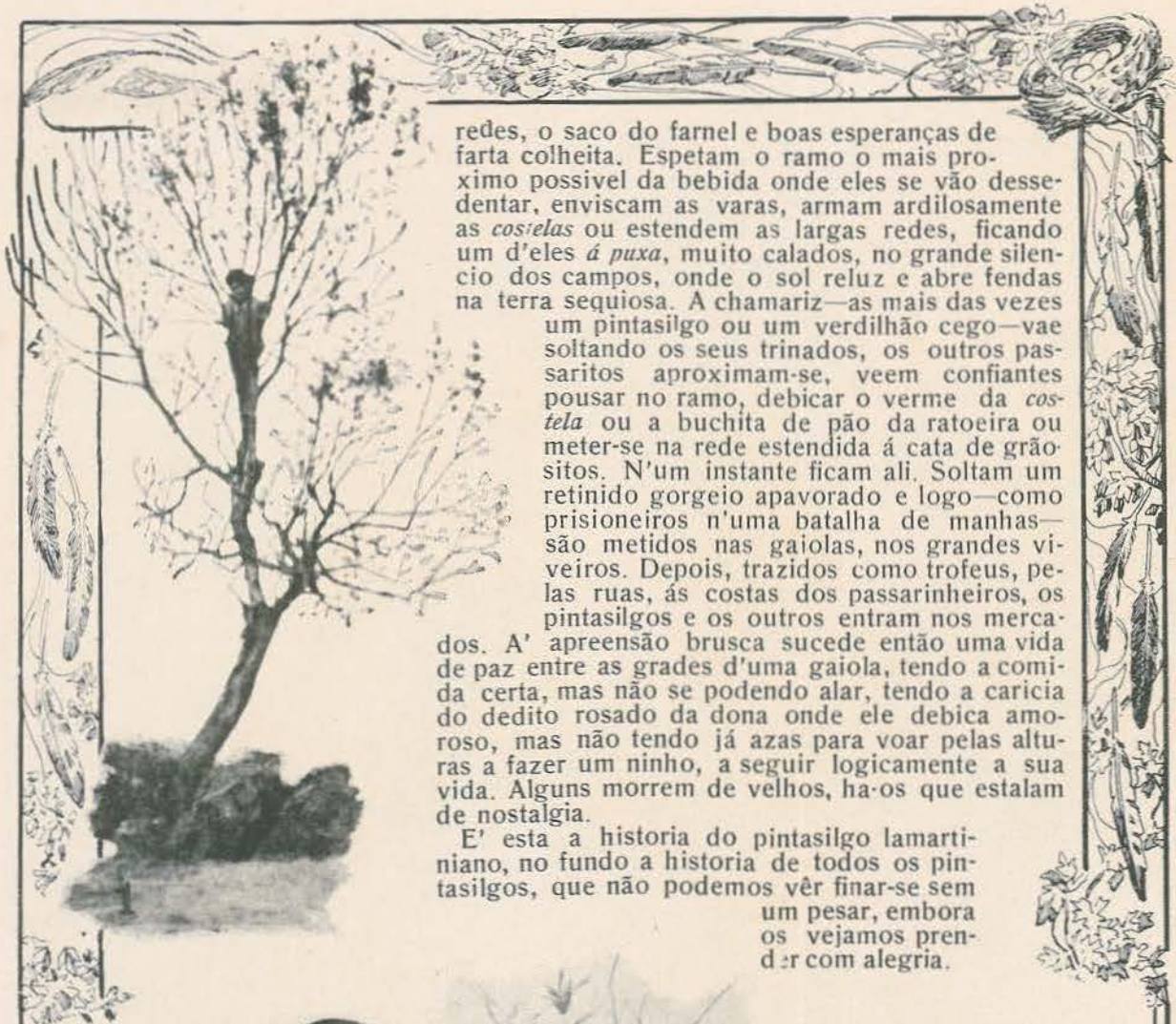


A rede armada



A costureira e pintasilgo

(Cliché de Benoliel)



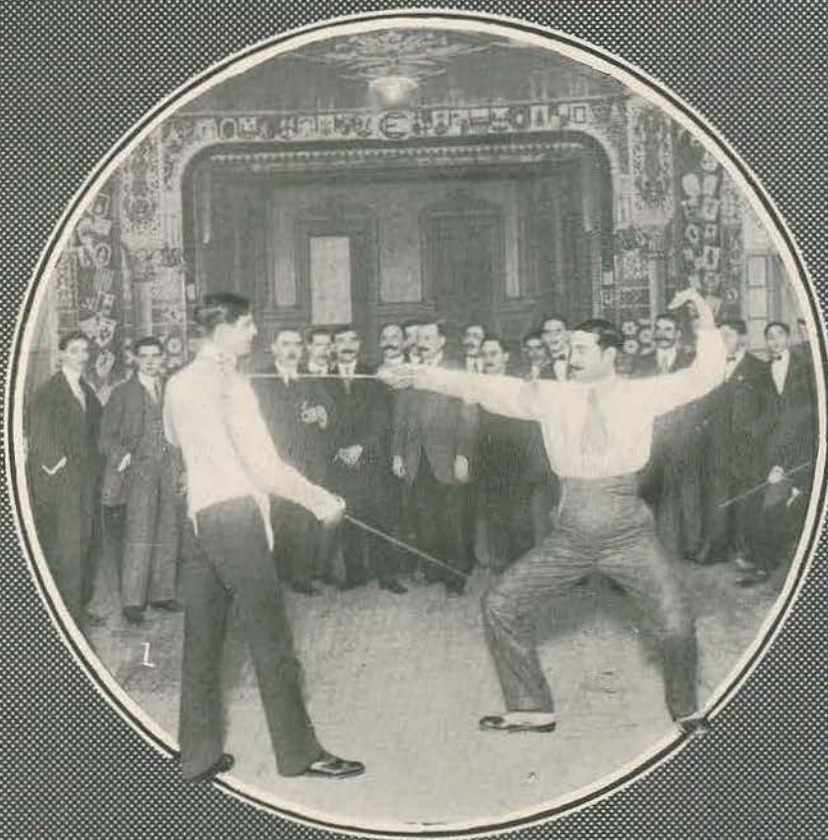
redes, o saco do farnel e boas esperanças de farta colheita. Espetam o ramo o mais próximo possível da bebida onde eles se vão desse-dentar, enviscam as varas, armam arditosamente as *cosielas* ou estendem as largas redes, ficando um d'elles *á puxa*, muito calados, no grande silen-cio dos campos, onde o sol reluz e abre fendas na terra sequiosa. A chamariz—as mais das vezes um pintasilgo ou um verdilhão cego—vae soltando os seus trinados, os outros pas-saritos aproximam-se, veem confiantes pousar no ramo, debicar o verme da *cos-tela* ou a buchita de pão da ratoeira ou meter-se na rede estendida á cata de grãos. N'um instante ficam ali. Soltam um retinido gorgeio apavorado e logo—como prisioneiros n'uma batalha de manhas—são metidos nas gaiolas, nos grandes vi-veiros. Depois, trazidos como trofeus, pel-as ruas, ás costas dos passarinhos, os pintasilgos e os outros entram nos merca-dos. A' apreensão brusca succede então uma vida de paz entre as grades d'uma gaiola, tendo a comi-da certa, mas não se podendo alar, tendo a caricia do dedito rosado da dona onde ele debica amo-roso, mas não tendo já azas para voar pelas altu-ras a fazer um ninho, a seguir logicamente a sua vida. Alguns morrem de velhos, ha-os que estalam de nostalgia.

E' esta a historia do pintasilgo lamarti-niano, no fundo a historia de todos os pin-tasilgos, que não podemos vêr finir-se sem um pesar, embora os vejamos prend-er com alegria.



1—Colocando as varinhas de visco no ramo. 2—O ramo e a chamariz.

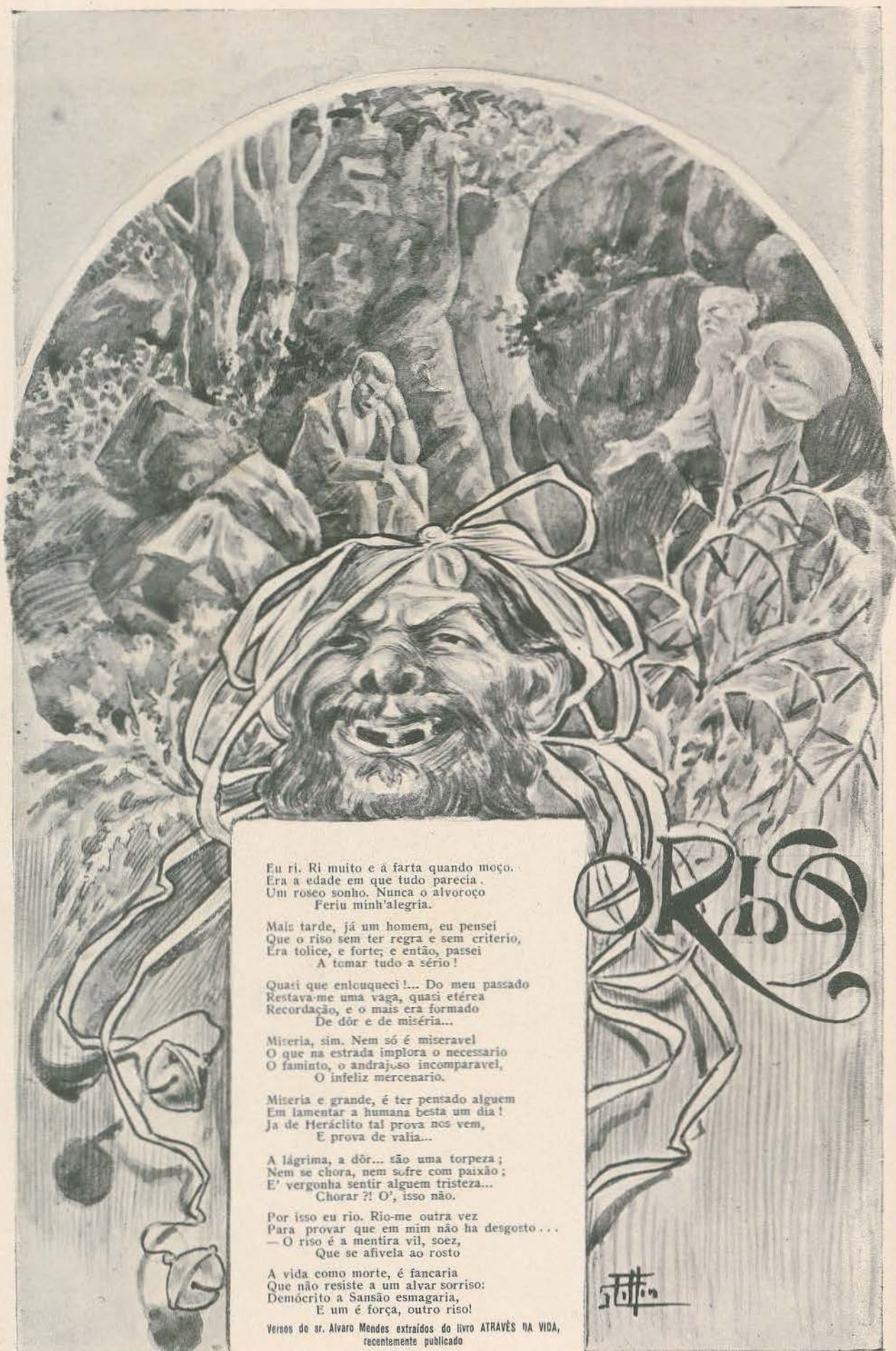
NO CENTRO HESPANHOL



1—O sr. Manuel Ribas Potau jogando a espada com o professor sr. Rui-Diaz.
2—O professor sr. Rui-Diaz. 3—A assistencia estando ao centro o professor Rui Diaz.
(Clichés de Benoliel)

Inaugurou-se ha dias no Centro Hespanhol uma aula de esgrima, sob a direção do notavel e conhecido mestre d'armas, D. Pedro Rui Diaz, um dos discipulos preferidos do grande mestre D. Adelardo Sanz, fundador da escola hespanhola. As aulas funcionam tres vezes por semana, sendo a base da escola, a espada hespanhola.





Eu ri. Ri muito e à farta quando moço.
Era a idade em que tudo parecia.
Um roseo sonho. Nunca o alvoroço
Feriu minh'alegria.

Mais tarde, já um homem, eu pensei
Que o riso sem ter regra e sem critério,
Era tolice, e forte; e então, passei
A tomar tudo a sério!

Quasi que enlouqueci!... Do meu passado
Restava-me uma vaga, quasi etérea
Recordação, e o mais era formado
De dôr e de miséria...

Miseria, sim. Nem só é miseravel
O que na estrada implora o necessario
O faminto, o andrajoso incomparavel,
O infeliz mercenario.

Miseria e grande, é ter pensado alguém
Em lamentar a humana besta um dia!
Ja de Heráclito tal prova nos vem,
E prova de valia...

A lágrima, a dôr... são uma torpeza;
Nem se chora, nem sofre com paixão;
E' vergonha sentir alguém tristeza...
Chorar?! O', isso não.

Por isso eu rio. Rio-me outra vez
Para provar que em mim não ha desgosto...
— O riso é a mentira vil, soez,
Que se afivela ao rosto

A vida como morte, é fancaria
Que não resiste a um alvar sorriso:
Demócrito a Sansão esmagaria,
E um é força, outro riso!

Versos do sr. Alvaro Mendes extraídos do livro ATRAVÉS DA VIDA,
recentemente publicado

RIS

NO PORTO

Dar de comer a quem tem fome...

Esboça-se agora, no Porto, uma ação de decidida assistência aos desamparados da fortuna, a cuja dolorosa romagem pelas ruas da cidade se quer pôr termo.

Assim, de manhã e à tarde, os indigentes recebem, todos os dias, a esmola de um farto rancho, que é distribuído n'uma dependência do Aljube, onde eles acodem, aos magotes, arrastando penosamente a sua miséria, calados e encolhidos uns, impertinentes e chorosos outros. São velhos doentes, de face chupada, onde a fome talhou caminho de lágrimas, es-



mais espelhou a infantil alegria que tem os filhos dos ricos...

E toda aquela gente grazina e lamúria, impaciente, em soluços de protesto contra imaginárias prepotências, todos clamando a sua pobreza e os seus achaques, porque todos se apiedem da sua desgraça.

Um conta que foi rico, que viveu n'uma grande e bela casa, onde o risco da felicidade cantára de manhã até á noite, que teve amigos e joias, que foi ditoso e opulento. E' um velho desdentado e tropego, cujos labios se contraem desenhando um labirinto de rugas em



1—Os filhos dos pobres. 2—Esperando...

tropiados que avançam, amparados em moletas, coíbindo aleijões e deformidades, mulheres a quem as privações ha muito fanaram a feminina graça, creanças cujo rosto descolorido já-

torno da boca, que só se abre para gemer as maguas que lhe vão na alma e recordar a perda ventura.

Encolhe-se, tímido e envergonhado, porque não tem ainda o habito da men-

dicidade e procura esconder-se para que velhos amigos d'outr'ora o não reconheçam, sob aqueles andrajos que já não leem forma. Os outros acotovelam-no, tomam-lhe a deanteira e ele deixa-se ficar, triste e resignado, n'um extasis em que se vê toda a sua felicidade perdida... Outra é uma pobre maníaca, cega e com o rosto vincado de rugas, que tem uma lenda e a quem as outras pedintes olham com piedade. Diz-se que

e que não tem dinheiro para o enterro...

Agora, ali no pateo do Aljube, onde a caridade oficial lhes dá a sopa quotidiana, enquanto esperam, acocoram-se no chão, bem acolchados uns aos outros, porque o frio aperta e os esfarrapados andrajos não resistem á nortada que gela.

Contam mutuamente a historia lugubre da sua miséria, mil vezes repetida na mendicidade pelas ruas, quando era necessario comover o transeunte distraído e perseguil-o, n'uma cantilena monotona, até que a esmola caia na mão persistentemente estendida.

E queixam-se e reclamam contra a demora das sopas, porque em casa ficou a velha mãe entrevada ou o filho doente, que choram com fome.

Depois, quando os empregados incumbidos da distribuição surgem, com os largos taboleiros onde as latas da comida fumegam, ergue-se um confuso côro de supplicas e apelos, levantam-se centenas de mãos para o piteu, que tãc bem cheira aos seus



1—Comendo o rancho.
2—A distribuição do rancho.

foi bela e alegre, que viveu uma longa vida de prazeres, que conheceu todos os deleites e todas as orgias, que deu brado e foi amada. Um dia, cegou. E tal foi a sua má-gua, ao vêr assim perdidos para sempre os seus claros olhos fascinadores, que endoideceu e passou a andar pelas tabernas, a embriagar-se, com fadistas e gatunos—para esquecer que fôra bela e que conquistara fidalgos.

Conhecem-se todos e todos sabem essas historias de dôr e de tragedia, tantas vezes confidencia-das nos recantos dos portaes, quando os aguaceiros encharcam as ruas e é necessario estar a postos para o assalto á problematica caridade dos que passam.

Tal como entre os ricos, os que teem interesses e contratos, ha entre eles pequeninas lutas, discussões em que se chocam amargos resentimentos, invejas e divergencias, porque um recebeu esmola mais avultada ou antecipou a sua mão quando o passeante oferecia a moeda de cobre. Mas ha tambem entre eles solidariedade. E não raro é repar-tirem entre si a côdea de pão que caridosamente alguem, passando, lhe lançou no regaço.

A's vezes, até, chegam a pedir para outros, para um velho companheiro de desgraça, que a doença prostrou em casa e que já não pôde arrastar-se, a quem a morte levou o filhinho



olfatos de esfaimados. Lentamente, os taboleiros vão-se esvaseando e, pelos cantos, sofregamente, ronronando como gatos famintos, os desventurados sorvem as sopas ás colheradas, quasi se entalando com os nacos de carne que ás vezes surgem entre a massa espessa do grão de bico ou do feijão.

Entretanto, o bando insubmisso dos pequenitos, que vieram de longe, para levarem ás mães ou aos irmãositos mais novos, que não podem sair de casa, a sua ração de comida, que eles esperam já «mortinhos de fome», debanda, n'uma grazinada ensurdecadora, como uma revoada de avesitas, a quem tivessem aberto a porta da gaiola.



1
E, pelo caminho, como a fome aperta e o *petisco* cheira bem, disfarçadamente, entreabrem a lata e provam, saboreando.
Pois se a mãe, entrevadi-



nha e bondosa, não vê o roubo nem dá pela falta!...

Porto, 14-12-912.

Simões de Castro.



1—A chamada dos indigentes. 2—Uma cega. 3—Comendo o rancho.
(Clichés Alvaro Marr(tins))

A arte novíssima do desenho

A arte do desenho muitas modificações tem sofrido. Do traço singelo com que primitivamente se definiam as coisas de uma maneira quasi convencional chegou ao apogeu de ser a realidade. Meia dúzia de traços e o objeto surge á nossa vista como por um milagre, saindo do lapis do artista inspirado e cuja mão n'esse trabalho se educou.

Vem assim desde ha muito. Antes da fotografia os correspondentes dos jornaes seguiam atraz dos exercicios com o seu caderno para os *croquis*; a Raffet se deveram as carantohnas dos velhos grana-deiros de Napoleão, os bivaques, as aldeias por onde passaram e até personalidades illustres da sua epoca, que falharam de ser retratadas por Da-



vid, o grande pintor do Imperio.

Ha obras primas de desenho, ha *croquis* geniaes que nos dão á primeira vista rapidamente a impressão da natureza, até aqui considerada o grande desideratum do artista. Reproduzir a natureza atravez um temperamento foi, durante seculos, o mobil da arte.

Agora surgiu uma escola ainda mais audaciosa que a arte nova que, na sua simplicidade, tempor vezes singulares complicações. Póde-se chamar a arte novíssima do desenho e tem um dos seus mais eximios cultores no nosso compatriota Amadeu Sousa



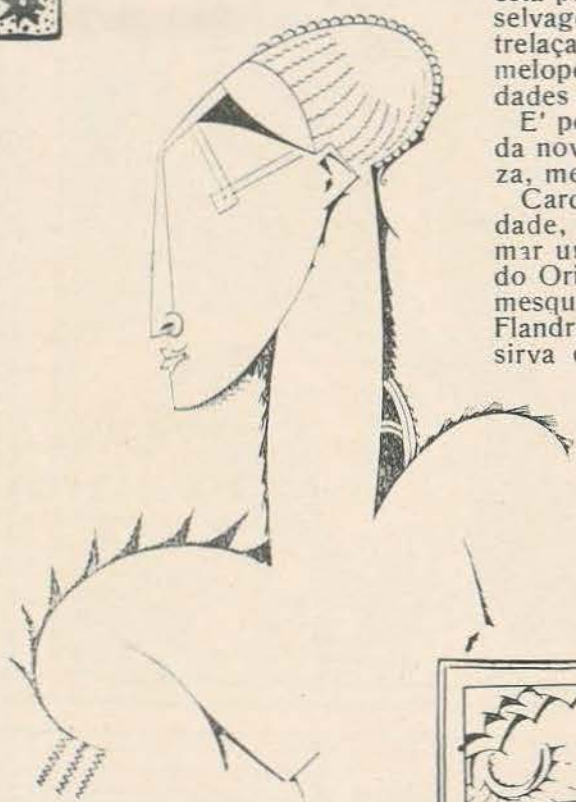
1—Amazona negra. 2—Tres galgos brancos.



1 - O moinho.



2 - A tormenta.



1—Cabeça de estudo.

Cardoso, que vive em Paris, onde acaba de publicar um album com assuas produções do genero e que um critico francez, o sr. João Doucet, declara surpreendentes, mesmo depois do snobismo e do exotismo sendo defin doras d'uma individualidade.

Com efeito, a vista d'esses desenhos surpreende pelo ar-rojo da execução, melhor, pela impressão que o artista busca transmitir aos nossos olhos habituados á realidade, as fórmas defenidas, e egual-mente ao vivo, livres do bi-zarro das composições novis-simas.

O critico francez, tratando dos processos do nosso compatriota, diz que eles atingem por vezes um simbolismo sin-gularissimo e define-os assim:

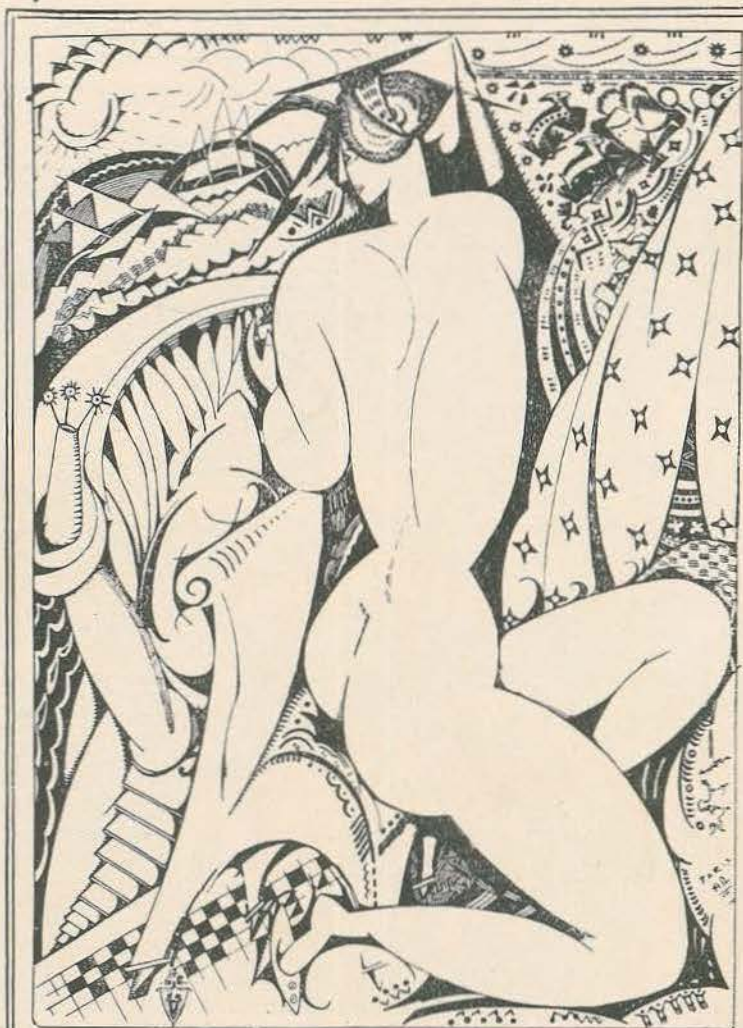
«Os desenhos de Sousa Car-doso são decorativos, são sur-preendentes. São a marca d'uma individualidade. Que

esta poesia seja barbara, que este talento seja selvagem como uma floresta virgem de en-trelaçamentos inquietantes, que seja como a melopéa d'um povo de antropófagos, de tonali-dades horriíficas, que importa!

E' poesia, é talento, é o valor para quem gosta da novidade e respeita a sinceridade e a franque-za, mesmo brutaes.

Cardoso é um artista porque evitou a banali-dade, é um artista ainda porque soube transfor-mar uma folha de papel n'uma especie de tapete do Oriente, mais composto que a galeria de uma mesquita, tão grandioso como uma tapeçaria de Flandres, tão colorido mesmo, embora ele não se sirva da sua p^{na} ou do seu pincel senão vaga-mente molhados na tinta da China sombr.amente monocroma.»

E' esta a opinião do critico fran-cez, entusiasmado por este processo novo que o nosso compatriota, afir-mando um temperamento estranho, acaba de mostrar na terra onde to-das as idéas, mesmo as mais bizar-ras, tem acolhimento e geram admi-rações.



2—No terraço.



Foot-Ball no Porto

O sport tem invadido todo o paiz. Ao ensino es- colastico, feito pesadamente, á educação desacom- panhada do desenvolvimento fisico, succedeu a pra- tica dos jogos fisicos acompanhando os estudos.

Nas escolas, desde as da primeira infancia aos liceus, instalaram-se aulas de ginastica, que come- çaram a fazer parte dos modernos programas de estudos, e os rapazes e as meninas seguiram esses metodos que tão bons resultados tem dado e con- tinuarão a ser um admiravel processo para o robu- stecimento da raça.



1—Uma carga impetuosa do Boavista.

por todas as terras do paiz, tendo nu- merosissimos cultu- res.

As vantagens d'es- te jogo são inume- ras, contribuindo para o desenvolvi- mento muscular e tendo todas as van- tagens das corridas ao ar livre.



2

2—O primeiro «team» do Lei- xões Sport Club.

Um dos jogos que mais se pratica é o *foot-ball*, que se des- envolve dia a dia mais



3

3—O primeiro «team» do Boavista Sport Club. 4—Uma boa passagem.



4

No Porto ha alguns clubs a que pertencem distin- tos amadores e ainda ha dias dois dos mais cotados *teams* de jogadores, os Boavista Foot-Ball e o Leixões Sport Club se encontraram, batendo-se de lado a la- do com entusiasmo e ganhando o Boavista por 4 *goals* contra 2.

A explosão em Chelas

Em virtude da explosão do nitro-glicerina foi destruída uma das oficinas

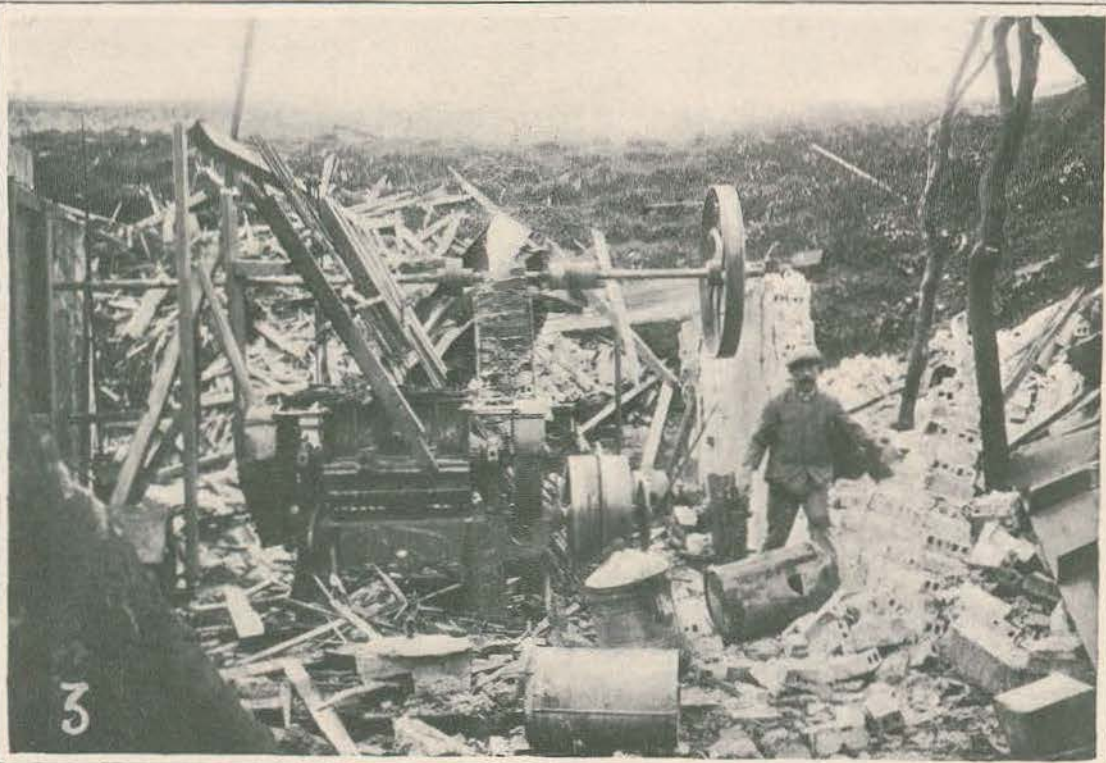


1—Um aspeto do pavilhão destruído.

2—O oficial de serviço explicando ao sr. coronel Correia Barreto, diretor da fábrica e ministro da guerra os acontecimentos.

da fábrica da pólvora em Chelas, sendo despedaçado o operário João Vaquinhas.

O estampido foi tão grande que se ouviu em Lisboa. Sem os socorros prontamente prestados que isolaram os pavilhões atingidos, maior número de desastres e de perdas materiais se teriam dado na fábrica, cheia de matérias inflamáveis



3—Aspetos dos destroços.—(Clichés de Benoiel)

Figuras e Factos



Portugal é um dos países onde se atinge a longevidade e, na maioria dos casos, as condições de vida dos que chegam a edades avançadas não são de invejar. Quasi sempre se trata de gente pobre, algumas vezes de mendigos até, sendo os macrobios mais vulgares nos campos do que nas cidades e tendo quasi sempre reminiscencias do passado, dos acontecimentos historicos, definindo pitorescamente os homens e as cousas.

Faleceu 'ha pouco no Cartaxo o sr. Antonio da Silva Orta, que é um exemplo d'essas longevidades e que, até á hora da morte, conservou a maior lucidez, apesar dos seus 1108 anos.



Lisboa vae-se aformoseando, para juntar aos melhoramentos dia a dia mais assinalados, renova os seus estabelecimentos, dando assim ás ruas um ar de brilho e elegancia.



1—No Porto: A séde do grupo beneficente da Sé, que celebrou o seu 12.º aniversario com uma festa ás creanças e um bode a 40 indigentes. 2—O sr. Antonio da Silva Orta, falecido em 18 de dezembro de 1912, com 1048 annos de idade. 3—Sr. Manuel Iniguez. 4—Lisboa aformosea-se: O novo estabelecimento de chocolate do sr. Iniguez, na rua do Ouro. (Cliché de Benohiel)



1—A nova atriz Marina Rodriguez, que se estreou no Nacional na peça *Miquette e a mamã*.

Da Escola d'Arte de Representar saiu uma nova atriz, que se estreou no Nacional na peça *Miquette e a mamã*, tradução de José Sarmento.

Chama-se Marina Rodriguez, foi uma aluna distinta e na sua estreia marcou claramente as faculdades de que dispõe, assim como no sarau em homenagem á memoria de D. João da Camara, ultimamente realizado n'aquella escola.

A nova atriz é filha da sr.^a D. Dorinda Rodriguez, a artista celebre, cujos encantos, cuja graça e cujo talento ainda recordam aos antigos frequentadores dos teatros onde ella foi uma *estrela*.



3 e 5—O novo aparelho salva-vidas Davy em experiencias no Avenida Palace e no hotel de Inglaterra.



O novo comandante do batalhão do 28, aquartelado em Agueda, é um official distinto e disciplinador, cuja carreira tem sido exemplar e que continuará do mesmo modo no comando em que foi investido.



2—Major sr. Antonio de Faria Peixoto Braga, novo comandante do batalhão de infantaria 28, aquartelado em Agueda,
4—O julgamento dos conspiradores do «complot» da Rua de S. Bento que foram condenados em 2 annos de prisão celular.—(Cl. chés de Benoliel)



Eduardo Garrido foi um dos mais ilustres escritores teatraes, tendo sobretudo o talento de adaptação das operetas francezas mais interessantes, que causaram successo entre nós, como a *Grã-Duqueza* os *Sinos de Corneville* e outras de eguaes difficuldades de tradução.

O sr. dr. Joaquim Telo foi um distinto collaborador das *Novidades* e do *Correio da Noite*, tendo trabalhado ao lado de Emigdio Navarro, que muito o apreciava, sendo tambem um medico distinctissimo e um encantador espirito.



1—O illustre escritor teatral, Eduardo Garrido, falecido em Gaieiras em 20 de dezembro. 2—Sr. dr. Francisco Antonio Ochôa, juiz do Supremo Tribunal, deputado por Bragança, falecido em 22 de dezembro. 3—Sr. dr. José Joaquim Pimenta Telo, falecido em 22 de dezembro. 4—O baritono Mauricio Bensaude, falecido em 22 de dezembro. 5—A comissão promotora das festas ás creanças, na freguezia da Pena, com alguns dos seus protegidos.—(Cliché de Benoliel)



1—Sr. Simões de Castro, autor do livro «Jornal do Acaso»
 2—Aspecto do casamento da sr.^a D. Pilar da Cunha Sotomaior, filha da sr.^a D. Magdalena Sotomaior e do sr. Joaquim Sotomaior, com o sr. Fernando Luiz de Souza Ferreira Pinto Basto, neto dos marqueses de Borba.



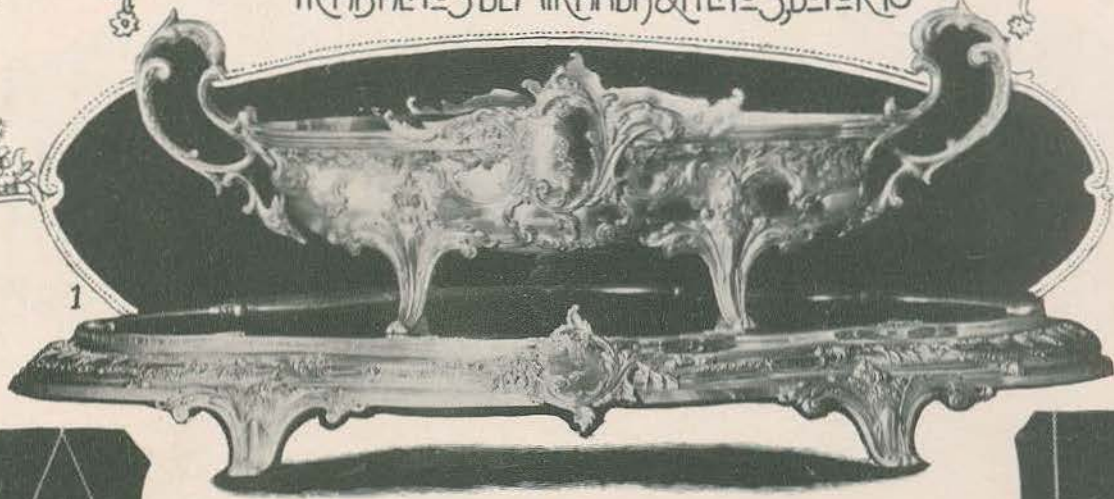
3—Antes da lição, quadro da sr.^a D. Zoé Batalha Reis. 4—Sr.^a D. Zoé Batalha Reis. 5—Madame Irusenol, quadro da sr.^a D. Zoé Batalha Reis—Clichés de Benoliel.

A sr.^a D. Zoé Batalha Reis, pintora distinta, fez, na fotografia Bobone, uma bela ex-

posição dos seus trabalhos, que foram muito apreciados.

INDUSTRIA ARTISTICA EM PORTUGAL

TRABALHOS DE MIRANDA & FILHOS DO PORTO



1

A industria da joalheria e cinzelagem artistica em prata tem-se desenvolvido d'uma maneira admiravel em Portugal, nos ultimos tempos, graças ao talento e proficiencia de artistas nacionaes que, como os srs. Miranda & Filhos, da rua 31 de Janeiro, do Porto, a elas se têm dedicado d'uma fôrma brilhante e com o mais completo exito.

Inaugurado o seu estabelecimento em 1905, só passados quatro anos fundaram a fabrica, principiando então com cinco artifices apenas. Hoje, a firma, constituída pelo sr. Almeida Miranda e seus filhos, possui uma casa sem rival no norte do paiz. Além das vendas por junto nos seus escritorios

do Porto e Lisboa, e do estabelecimento comercial a que nos referimos, tem a casa as secções de cinzeladores, de argentifices, de repuxadores, de fundição, de mecanica, de desenho e modelação, de hidroplastia, de fotografia e de gravura em aço, ocupando um pessoal artistico, comercial e fabril de 90; individuos, alguns dos quaes especialistas estrangeiros. Sob a exclusiva direção da firma trabalham tres officinas externas, de sorte que todos os artigos á venda no estabelecimento são, em geral, de fabrico da casa.

Um expediente de correspondentes estrangeiros nas principaes capitães da Europa permite á casa a adoção das inovações que a arte lá fôrta conquistou, collocando-a em condições de satisfazer todas as exigencias dos mercados do paiz e do Brazil, para onde tem sido feitas por esta casa importantes remessas de baixelas, joias e objetos avulsos.

O elegante portal do estabelecimento, em ferro bronzeado, estilo Luiz XV, enquadrando duas largas montras lateraes e a porta de entrada, dá-nos desde logo a impressão da vida artistica que palpita no interior do edificio. Antes de passarmos adiante, tivemos o prazer de admirar no estabelecimento uma riquissima coleção de joias, desde o mais modesto até ao mais alto valor, ornadas de pedras preciosas, em cravação *calibrée* e admiravelmente dispostas em adereços, anéis, alfinetes e *pendentifs*.

Passando ao interior, encontramos dentro das officinas, de que conseguimos fotografar um aspeto, que damos em gravura, e pelos quaes se adquire uma idéa da grandeza d'esta casa de trabalho, onde, ao lado das melhores condições de luz e de hygiene e de um irrepreensivel asseio, ha um pessoal inteligente, auxiliado por um variado e poderoso maquinismo dos sistemas mais modernos, entre o qual se encontram prensas cuja pressão atinge a força de 200 toneladas. Deixemos, porém, as instalações fabris e passemos aos trabalhos produzidos ou em fabrico, que nos atraíram os olhos pela originalidade das suas fôrmas e pela rara perfeição do seu acabamento.

A cafeteira manuelina que damos em gravura é uma peça pertencente a um serviço completo atualmente em execução. A disposição da arcaria neo-gotica no corpo da peça, na garganta e na aza, constitue uma concção felicissima, cuja harmonia de linhas dá eloquente nota da opulencia do estilo arquitetónico tão celebrado nos tempos aureos da patria por

tugueza. O artista, inspirando-se em motivos



2



3



4

1—Corbeille e plateau Luiz XV pertencente a uma rica baixela encomendada por um importante capitalista de S. Paulo (Brazil).
 2—Pendentif de platina com brilhantes e perolas. 3—Nó de platina servindo de pendentif e de broche cravado de brilhantes.
 4—Oratorio gotico medindo 50 centimetros de altura.



fundamente da época, rigorosamente histórica, se nota uma execução primorosa, perfeita nos mais pequenos detalhes.

A *corbeille* e *plateau* Luiz XV, formando grande centro de meza, é ainda um esplendido primor artístico. Pertence a uma baixela encomendada para o Brazil. Com um numero de elementos ornamentaes relativamente reduzido, o artista soube compôr estas deliciasas peças, imprimindo-lhes o tom gracioso do seculo

que representam n'uma impecavel pureza de estilo. A salva do mesmo genero, coes de capitel floreados atrae demoradamente os

zindo uma obra prima de rendilhado, cheia de vida e de encanto.

Não é, porém, sómente n'estas peças fortemente estilizadas que a casa Miranda & Filhos brilha como produtora insigne de arte argenteria. Ha tambem nas suas vitrines grande copia de objetos de simples estrutura, sem que, todavia, lhes faleça o cunho de elegancia e de beleza que as obras de prata exigem. E' d'este genero o trabalho D. João V, representado no taboleiro que a gravura mostra. Centro completamente liso, destaca-se n'esta obra o mimoso recorte da cercadura, em fórma de moldura concheada. A sobriedade das linhas e o contorno do desenho patenteiam o cuidado com que na casa Miranda & Filhos são executados os trabalhos mais simples.

de cathedral gotica, soube transmutar o pesado em leve, espiritualizando na prata o que é severo e solemne na pedra.

A salva das caravelas é trabalho da mesma indole e poucas vezes se encontrará tamanha opulencia estilistica em obras d'esta natureza. E' notavel a cercadura, elegantemente lançada n'uma magnifica disposição de arcos com laçamentos de cordas e ornamentação de esferas armilares, cruces de Cristo, conchas e buzios. Uma vela distendida, presa pelas pontas a argolas de bordo, fórma o centro; e, entre a parte central e a periferica, agita-se um mar ligeiramente encrespado, onde, em sentidos diversos, dominando a amplidão das aragues, velem onze caravelas da India. Admiravel ideação em cujo vigor estilístico e pro-



de da arte que encerra e pelo carinho com que está tratada.

Temos, ainda, uma grande salva manuelina, inspirada nas arcarias do portico principal das capelas imperfeitas da Batalha, onde, pela ausencia de atributos maritimos, o artista se limitou á parte hieratica do estilo Renascença, embrincando subtilmente os elementos arquiteturaes e produ-



1—Salva de caravelas, medindo um diametro de 700 milimetros. 2—Taboleiro D. João V, com o comprimento de 80 centimetros. 3—Opulenta salva D. João V, medindo um diametro de 70 centimetros. 4—A montra e entrada do luxuoso estabelecimento para vendas a retalho. 5—Salva manuelina rendilhada, diametro de 55 centimetros. 6—Salva Luiz XV em caracoes de capitel, com o diametro de 60 centimetros, encomendada para o Brazil.

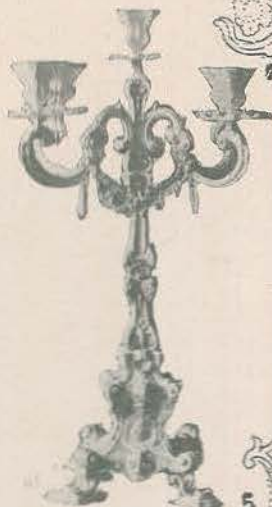


Digno de nota rio gotico que gravuras reprenho natural é de ta cinzelada, evo religiosas das e exprimindo na concção a epoca do fundador da dinastia de Aviz. A corrção do desenho e a austera proporção dos elementos ornamentaes avultam n'esta obra de arte, verdadeiramente preciosa.

Ha, ainda, o enorme candelabro D. João V, em execução com mais tres eguaes, por encomenda, para o Brazil. E' obra de fundição e retoque, de consideravel peso e mais que medianas proporções. A sua estilisação obedece ao maior rigor, tanto nas particularidades do pedestal e dos braços, como nas fartas grinaldas que os afestoam e lhe dão suprema graça. Vê-se bem, atravez d'este estilo, a magnificencia do fundador do mosteiro de Mafra e usufrutuário do oiro das minas brasileiras. O candelabro é uma peça grandiosa e de efeito deslumbrante.

Finalmente, não podemos deixar de consagrar algumas palavras á grande salva no mesmo estilo D. João V, formosissima, na riqueza dos recamos e adornos proprios da arte joani-

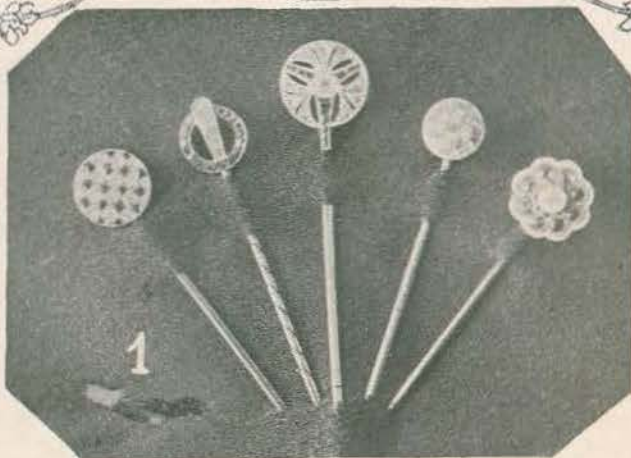
é tambem o grato-uma das nossas senta. O seu tamanho, $0,^{m}5 \times 0,^{m}2$, em praticando as misulas egrejas medievas sua elevação concçãoal a epoca do fundador da dinastia de Aviz. A corrção do desenho e a austera proporção dos elementos ornamentaes avultam n'esta obra de arte, verdadeiramente preciosa.



1—Rico pendentif com um grande brilhante oriental e perola pingente. 2—Pendentifs em brilhantes. 3—Cafeteira manualina pertencendo a um serviço completo. (Fotografia obtida d'um desenho, visto estarem os objetos em fabricação). 4 e 5—Ricos candelabros D. João V. 6—Um trecho das oficinas.

na. O artista conseguiu dar-nos n'esta peça uma impressão profunda do esplendor d'aquêle reinado, onde agonisam os prodígios da nossa historia.

Combinando com feliz intuição as palmas, as conchas, os escudos e as cornijas, e envolvendo tudo n'uma maravilhosa grinalda, esta bela obra mostra um trabalho cheio de frescura e de grandeza, onde a vista per-

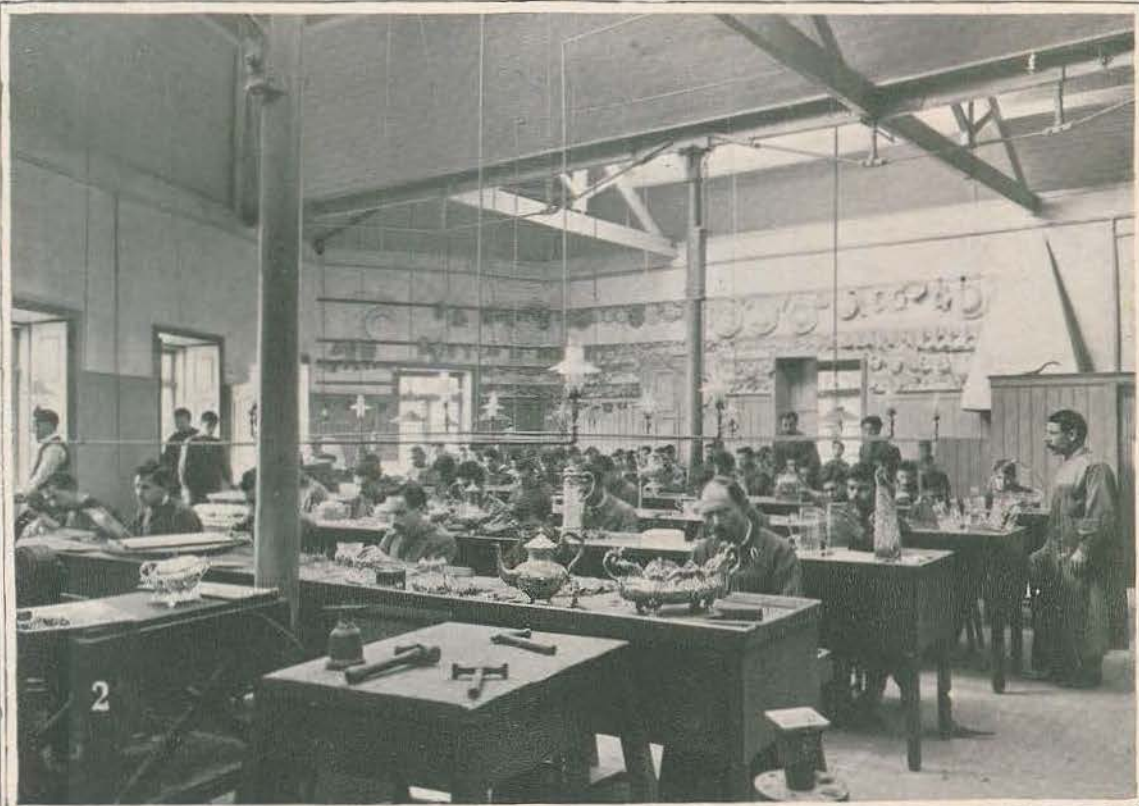


Coleção de finetes de gravata em platina e brilhantes.

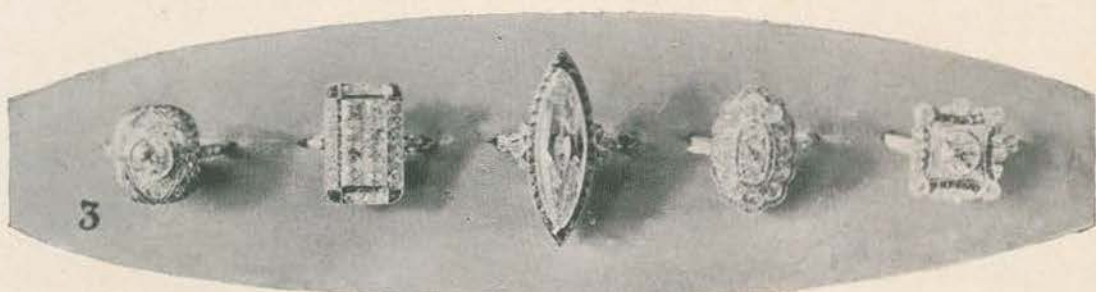
manece encantada n'uma intensa variedade de motivos, harmoniosamente agrupados.

Mais do que dizemos deixamos por dizer.

Isto será, porém, o bastante para se demonstrar que a casa Miranda & Filhos sabe honrar como poucas a arte nacional á qual, com os seus constantes e numerosos trabalhos, não cessa de prestar um fervoroso culto.



Um dos ateliers.



Aneis para senhora, em platina, com brilhantes e pedras finas de cor, predominando a safira genero calibre.